

## CAPÍTULO UM

*É apenas um sonho ruim, e quando você acordar de manhã tudo terá passado.*

### **Meia-noite, segunda-feira, 1º de maio de 2000**

Os gritos surgiram repentinamente. James Leininger, com 2 anos e 3 semanas de idade, era um menino feliz e brincalhão, a maior alegria de uma família amorosa moradora da suave planície costeira do sul da Louisiana. Um dia, à meia-noite, o menino, dormindo, começou a se debater na cama como um cabo elétrico partido, aos berros, numa angústia devastadora.

Andrea, mãe de James, saiu do seu quarto e disparou pelo longo corredor. Parou na entrada do quarto de seu único filho e, ofegante, ficou observando o filho gritar e se debater. O que fazer? (...)

Acalmando-se, ela se dirigiu, pé ante pé, para a cama do filho, pegou-o no colo e abraçou-o, murmurando suavemente: “Durma, durma, meu benzinho! Não é nada, nada mesmo. É apenas um sonho ruim, e quando você acordar de manhã tudo terá passado!”

E quando ela o abraçou, James parou, pouco a pouco, de se debater, os gritos diminuíram gradualmente e se transformaram em lamúrias – pequenas lamúrias de pesar –, e em seguida ele voltou a dormir.

Naquela primeira noite, lembrou Andrea, ela não prestara uma atenção ao que ele estava berrando, não ouvira nenhuma palavra específica que fizesse algum sentido. Os sons eram indistintos e bruscos, dentro do grito poderoso de uma criança muito pequena que dava a im-

pressão de estar se debatendo desesperadamente para salvar a própria vida. Não, pensou Andrea, não se trata de um evento potencialmente fatal. É apenas uma criança sendo atacada em um pesadelo.

(...)Dois dias depois do primeiro pesadelo, pouco depois da meia-noite, os gritos apavorantes recomeçaram. Isso aconteceu em um momento em que Bruce e Andrea estavam entrando no sono profundo, e mais uma vez pegou-os despreparados. Andrea, é claro, saltou da cama e correu pelo longo corredor para abraçar o filho e tentar consolá-lo.

Pela manhã, ela tentou descrever para Bruce, de um modo mais ou menos detalhado, a assustadora característica dos pesadelos para que ele pudesse compreender a gravidade do que ela havia experimentado, mas ele deu de ombros e insistiu que não deveriam ficar exageradamente preocupados, que os pesadelos eram normais. Mas Andrea reforçou seus argumentos, enfatizando como ele chutava e se debatia violentamente. Ainda assim, Bruce demonstrou pouco interesse pelo ocorrido.

(...)

— Escute — disse ele a Andrea, subestimando a importância dos acessos —, a casa é velha, e casas velhas costumam vir com rangidos e chiados. Isso tudo faz parte do fato de termos vindo morar aqui. Vai parar, você vai ver.

Mas os pesadelos não pararam. Um terceiro teve lugar na noite seguinte ao segundo. James pulava uma noite, às vezes duas, mas os pesadelos continuaram a acontecer com uma regularidade aterrorizante e um frenesi cada vez maior. Houve épocas em que ocorreram cinco vezes por semana. E cada um deles era simplesmente horripilante.

(...)A essa altura, Andrea começara a dormir perto do quarto de James para poder ouvir mais rápido os gritos. Ela passou a ter um sono leve, pois dormia pensando em ouvir o primeiro grito. Além disso, disse ela a Bruce, James dormia tão profundamente durante

os pesadelos que ela precisava abraçá-lo com muita força para conseguir interrompê-los.

Bruce conversou com o filho: “Ouça”, disse ele, “você precisa parar com isso. É bom você tratar de superar o que quer que esteja causando essas coisas.” Entretanto, como constataram mais tarde, não estavam lidando com uma situação que um menino de 2 anos pudesse controlar, por mais que o pai ficasse zangado.

Quase dois meses depois do início dos pesadelos James ainda estava se debatendo e berrando, mas agora Andrea decidiu tentar descobrir o que ele estava dizendo. Ela se deu conta de que os gritos não eram apenas sons incompreensíveis; eram também palavras. Quando conseguiu decifrar algumas delas, Andrea voltou rapidamente pelo corredor e sacudiu o marido, para acordá-lo.

— Bruce, você precisa ouvir o que ele está dizendo.

Bruce estava grogue.

— O que você quer dizer com isso?

— Bruce, você precisa ouvir o que James está dizendo.

Bruce ficou irritado, mas saiu da cama, resmungando:

— Que diabos está acontecendo aqui?!

Em seguida, parado na porta do quarto do filho, ele também começou a reconhecer as palavras, e a sua indignação dissipou-se.

Ele estava deitado de costas, chutando e arranhando as cobertas... como se estivesse tentando escapar de um caixão. O que vi se parecia com uma cena de *O exorcista* — eu, de certa forma, esperava que a cabeça dele girasse como a da menina no filme. Cheguei até a pensar que talvez precisasse sair para buscar um padre. Mas em seguida ouvi o que James estava dizendo...

“O avião caiu! O avião está pegando fogo! O rapaz não consegue sair!”

Essas eram exatamente as palavras, o texto por trás dos gritos de James. A criança jogava a cabeça para frente e para trás e gritava repetidamente a mesma coisa: “O avião caiu! O avião está pegando fogo! O rapaz não consegue sair!”

Isso aconteceu pouco depois de James completar 2 anos; ele estava começando a aprender a se expressar por meio de frases complexas, tentando encontrar uma linguagem condizente com seus pensamentos. No entanto, o que ele estava gritando enquanto se debatia na cama naquela primavera eram palavras tão ricas em detalhes, tão plausíveis, tão pouco infantis no seu desespero, que Bruce Leininger emudeceu. A vida inteira ele fora aquele que resolvia os problemas, o cara dinâmico, pronto para o que desse e viesse, o homem capaz de corrigir quase todas as coisas porque compreendia a natureza de praticamente qualquer problema, captava sua configuração e conseguia encontrar uma solução. Entretanto, de pé na porta do quarto do filho, ele estava paralisado — e um pouco assustado. Essas frases de pânico não poderiam ter surgido do nada, disso ele tinha certeza.